



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**PATRÍCIA REGINA GUSMÃO (2)**

**(entrevista)**

**2018**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-844

**Entrevistada:** Patrícia Regina Gusmão

**Nascimento:** 14/12/1978

**Local da entrevista:** Escola Educação Física, Fisioterapia e Dança - Porto Alegre, RS

**Entrevistadora:** Mayara Cristina Mendes Maia

**Data da entrevista:** 22/01/2018

**Transcrição:** Bruna Moraes Costa

**Copidesque:** Mayara Cristina Mendes Maia

**Pesquisa:** Mayara Cristina Mendes Maia e Silvana Vilodre Goellner

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 34 minutos

**Páginas Digitadas:** 14

### Observações:

Entrevista realizada para a produção da Tese de Doutorado de Mayara Cristina Mendes Maia intitulada *(Des)impedimentos no futebol de mulheres: coloradas e gremistas de volta aos campos* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano em 2021

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Atuação como atleta; Primeira participação no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino; Sport Clube Internacional; Grêmio Foot-Ball Porto Alegre; Atuação como treinadora; Seleção Gaúcha de Futebol Feminino; Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino; Mídia e divulgação do futebol feminino; Melhorias necessárias para o desenvolvimento do futebol feminino.

Porto Alegre, 22 de janeiro de 2018. Entrevista com Patrícia Regina Gusmão a cargo da pesquisadora Mayara Cristina Mendes Maia para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.M. - Primeiramente, obrigada pelo aceite e pelo belo trabalho que você vem fazendo no futebol de mulheres. Você já concedeu outra entrevista para o Garimpando Memórias onde narras aspectos da tua vida no futebol. Hoje vamos dar um foco um pouco diferente, ressaltando tua atuação como treinadora e teu envolvimento com o Internacional<sup>1</sup>. Para iniciar, gostaria que você falasse um pouco de como foi sua inserção como atleta no Inter.

P.G. - Nossa, eu comecei primeiro na Escolinha da Duda<sup>2</sup> em 1997, na verdade, eu sou natural de Novo Hamburgo<sup>3</sup>, uma cidade que fica a quarenta quilômetros de Porto Alegre e eu sempre gostei de jogar futebol. Um dia junto com uma amiga minha a gente resolveu - Como a gente gostava muito e via que era um pouco diferenciada das demais meninas - procurar um lugar onde a gente pudesse jogar a modalidade só entre meninas. Então a gente conseguiu vir para Porto Alegre um dia da semana com o pai dela que ele deixou de trabalhar, só que primeiramente a gente foi no Grêmio<sup>4</sup> fazer essa visita lá na escolinha. Só que chegando lá a gente não pode fazer a aula porque não era da nossa idade, da nossa faixa etária, então...

M.M. - Você tinha quantos anos mesmo?

P.G. - Eu tinha 17, então, eles pediram para a gente retornar em um outro dia. Só que a gente explicou que a gente era de longe, que tinha dificuldade para vir e a gente estava indo embora quando o pai dela falou para nós que no Inter também tinha escolinha. “Quem sabe para a gente não perder a viagem, a gente dava uma passada lá”. Foi aí que a gente conheceu a Duda e no mesmo momento ela já pediu para a gente participar de uma aula e ali iniciou as minhas atividades, no ano de 1997, mesmo a gente... Ela já formou uma equipe Sub-17 que foi participar do Campeonato Brasileiro no Rio de Janeiro e eu fui uma das selecionadas para ir e a partir dali até 2001. Eu permaneci em 2002 no Inter e depois

---

<sup>1</sup> Sport Club Internacional

<sup>2</sup> Eduarda Marranghello Luizelli.

<sup>3</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>4</sup> Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

acabou, então foi esse período todo participando sempre da equipe e de campeonatos, que não existia ainda campeonatos feitos pela CBF<sup>5</sup>, mas havia campeonatos brasileiros onde reuniam as melhores equipes. Eram torneios na verdade, ficava uma, duas semanas no lugar e...

M.M. - Muitos times da região Sudeste?

P.G. - Muitos. Muitas equipes... As equipes mais fortes continham as meninas da Seleção Brasileira da época, que eram tudo meninas, assim, que dispensavam comentários. Então jogar contra elas era sempre muito difícil porque não era uma ou duas em uma equipe: era as dez, onze na mesma equipe, então ficava uma equipe muito forte.

M.M. - Mas ao mesmo tempo deveria ser emocionante poder estar jogando contra elas...

P.G. - Com certeza! Jogava contra as estrelas do futebol feminino, então para nós era sempre muito legal participar. E só em estar ali junto com elas, meninas da Seleção, que representava o país fora, em Olimpíadas<sup>6</sup>, em Mundiais<sup>7</sup>, então já valia a pena.

M.M. - E como era a estrutura do Inter nesse período? Tanto a questão física quanto a organização do time.

P.G. - Em 1997 quando iniciou, tudo ainda era bem precária. A gente treinava em uma escolinha, era um campo de futebol 7, era uma grama... Era um campo de areia, terra com um pouco de grama, depois colocaram uma grama sintética, depois a gente foi jogar no campo que era considerado o campo do Inter que era, assim, o pior deles. Então o que sobrava para nós...

M.M. - Ficava onde?

P.G. - Ficava ali no Beira Rio<sup>8</sup> mesmo, era os campos de treinamento das categorias de base. Mas pensa naquele campo que todo mundo usa o dia inteiro e daí: “Hoje não tem

---

<sup>5</sup> Confederação Brasileira de Futebol

<sup>6</sup> Jogos Olímpicos.

quem usar, vai para o feminino...” Mas a partir dali, no ano seguinte em 1998, a estrutura foi bem melhor, a gente... Eles assinaram as carteiras das atletas, era uma estrutura tipo, davam passagem, alimentação, a gente fazia a alimentação ali mesmo no grupo, no Clube mesmo, então foi assim. Mas com o passar dos anos o Clube foi vendo a importância da modalidade, quis investir também. Claro que nada comparado ao que se tem hoje, em termos de estrutura, de investimento financeiro mesmo, de contratação de atletas mesmo, mas na nossa época também era visto assim como uma estrutura muito boa.

M.M. - Tinha atendimentos como de médico, nutricionista, psicólogo, fisioterapeuta?

P.G. – Na verdade o futebol feminino ele sempre foi... Ele fazia parte da base do Inter, mas sempre teve preparador físico, médico, massagista. Quando era alguma coisa mais grave a gente era encaminhada direto para o departamento médico do clube, de fisioterapia, mas assim, o primeiro atendimento sempre era feito pelo pessoal da comissão técnica mesmo.

M.M. - Quais as principais diferenças que você consegue lembrar daquela fase que você jogou no Inter para agora nesse momento do futebol brasileiro aqui no Rio Grande do Sul?

P.G. - Eu acho que tem muita diferença. A gente até tinha uma estrutura muito boa, que depois veio... O Inter encerrou, porque o Grêmio não tinha mais o Departamento... Deu dois anos o Inter também encerrou seu Departamento de Futebol Feminino e a partir dali o Rio Grande do Sul ficou meio apagado dentro do cenário do futebol feminino até o ano passado. Então, é claro que em 2003 o Inter voltou, jogou uma Copa do Brasil, mas nada parecido com o que está se fazendo em 2017 e agora em 2018, não ‘é! Eu vejo uma mudança assim drástica, claro para melhor. É, eu vejo também que naquela época não havia, não houve, muito investimento também comparado agora devido ao campeonato... Hoje tu vê a CBF, hoje tu vê a FIFA<sup>9</sup> envolvida e lutando pelo direito das mulheres, pelo esporte, pela modalidade e fazendo com que as entidades também criem um vínculo e apostem um pouco mais porque, querendo ou não, sem as entidades fica difícil, porque daí tu não consegue patrocínio, porque tu não consegue divulgar. Então eu vejo como a CBF

---

<sup>7</sup> Copa do Mundo de Futebol Feminino;

<sup>8</sup> Estádio do Sport Club Internacional.

<sup>9</sup> Federação Internacional de Futebol.

está assumindo essa parte, claro que ainda precisa melhorar muita coisa, mas eu já vejo como um passinho dado, então...

M.M. - Não fica só nas costas do clube, não é?

P.G. - Com certeza, porque tendo... A primeira coisa que a gente precisa dentro da modalidade e acho que em todo esporte, é um calendário. Se tu tem um calendário tu consegue ter uma equipe, tu consegue ter uma estrutura boa de trabalho e uma coisa vai levando a outra...

M.M. - Que agora ainda peca, digamos assim, as adaptações, essa questão da Série A1 e Série A2<sup>10</sup>, às vezes acaba demorando...

P.G. - É que ainda está sendo um início, então, claro que não é o que a gente quer para daqui dois, três anos. A gente quer uma coisa um pouco mais estruturada, mas já vem servindo para bastante coisa, para esse início está até superando as expectativas.

M.M. - Por curiosidade, você já jogou no Grêmio alguma vez?

P.G. - Não, eu nunca joguei no Grêmio. Sempre Joguei no Inter, joguei em equipes fora do estado, em São Paulo e...

M.M. - Jogou fora do país também, não foi?

P.G. - Sim, fui dois anos para a Coréia do Sul e... Sempre é bom tu aprender coisas diferentes e sempre serve de experiências para tu levar para o resto da vida.

M.M. - E quando você decidiu ir para outras funções dentro do futebol, além de jogadora?

P.G. - Foi em 2014 que eu iniciei. Na verdade, acho que em 2008 eu fiz o curso de treinadora, eu e meu irmão. Meu irmão é treinador profissional em um clube do Paraná e como eu já fazia Educação Física e eu sempre gostei muito dessa parte técnica, tática. A

gente fez o curso profissional aqui do Rio Grande do Sul de treinadores, mas eu nunca tinha atuado. Fiquei como atleta ainda, joguei até 2013 e em 2014 então, depois de duas lesões nos joelhos que eu tive, fiz duas cirurgias eu resolvi que estava na hora de parar, de atuar dentro de campo e tentar contribuir de uma outra forma. Aí, como muitas pessoas que trabalharam comigo, treinadores, muitas pessoas que conviveram comigo sempre me falavam que eu tinha muito conhecimento, que eu poderia investir na profissão e que seria um meio também de contribuir para não deixar o futebol... Porque eu vejo assim: realmente as atletas, as pessoas que convivem com o futebol feminino, que estão ali diariamente são elas que podem transformar e fazer alguma coisa e se a gente... Acabou ali a vida como atleta, ai tu vai largar tudo...

M.M. - Deixa o futebol na mão dos que...

P.G. - De pessoas que daqui a pouco não vão contribuir da forma que... Porque tu conhece como é, tu passou, tu vivenciou aquilo, tu sabe o que precisa melhorar, tu sabe...

M.M. - E você está envolvida pelo futebol e não pelo dinheiro...

P.G. - Isso, com certeza. Eu acho que até hoje as pessoas que vivem o futebol feminino não é pelo interesse financeiro, é muito em gostar, em amar a modalidade mesmo, então...

M.M. - E você atuou no Onze Unidos<sup>11</sup> e voltou?

P.G. - Isso, em 2014 eu voltei de São Paulo. Como eu não ia mais jogar e estava na cidade de Cachoeirinha<sup>12</sup> eu recebi um convite para treinar uma equipe para disputar um torneio da cidade, uma taça da cidade porque eu conhecia muitas meninas e o presidente do clube não tinha esse contato e queria ajudar a modalidade. Então eu falei para ele: “Vou montar uma equipe e a gente disputa esse torneio”. A gente disputou, acabamos ganhando, aí partiu de mim a ideia de colocar aquela equipe, já que ele tinha gostado e tinha dado tão certo a parceria, da gente tentar investir um pouco mais e colocar a equipe no Campeonato Gaúcho. Até porque eu conhecia as meninas que jogavam, sabia que tinha muita qualidade

---

<sup>10</sup> Referência ao Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino.

<sup>11</sup> G. E. Onze Unidos.

e foi aí que surgiu tudo. A gente entrou com a equipe, a gente teve que disputar uma competição antes, a Taça RS, a Copa RS do Rio Grande do Sul, acho que tinha umas vinte equipes, para conseguir ficar entre primeiro e segundo lugar, já que a gente não tinha vaga no Campeonato Gaúcho. Daí a gente foi campeão da Copa RS e depois entramos na disputa do segundo semestre no Campeonato Gaúcho e a partir dali eu ganhei em 2014 com os Unidos. Em 2014, 2015 eu fui contratada pela equipe de Canoas<sup>13</sup> que na verdade a Duda que comandava. A gente ganhou 2014... Ganhei 2015, 2016, no final de 2016 eu fui convidada pelo professor Neco<sup>14</sup> para fazer parte da Seleção Gaúcha e fazer... Olhar os jogos de todo o Campeonato Gaúcho e tirar as melhores meninas para a gente poder participar talvez de uma competição a nível nacional que seria o Campeonato Brasileiro de 2017 da série A1, porque ele iria fazer uma parceria com uma equipe de camisa, que seria provavelmente ou o Inter ou o Grêmio para disputar competição já que o Rio Grande do Sul tinha uma vaga para disputar. E aí foi quando eu estive no Grêmio no ano de 2017, ano passado, fiquei lá um período até agora vir para o Inter.

M.M. - Você já respondeu algumas perguntar [risos]... Como a gente veio citando aqui as mudanças daquele período para agora, quais os principais recursos e apoio que o clube do Grêmio permitiu para vocês agora nessa fase?

P.G. - Tu diz no Campeonato Brasileiro, ali no início ou Campeonato Gaúcho, ali nas duas competições?

M.M. - Isso, nas duas competições.

P.G. - Só para entender melhor: a primeira competição, que foi o Campeonato Brasileiro, na verdade foi uma Seleção Gaúcha que era dirigida pelo pessoal da Associação Gaúcha de Futebol Feminino. Então a gente fez uma equipe, eu era treinadora da Seleção Gaúcha, eu não era treinadora do Grêmio, nem do Inter, nem do Canoas que era a equipe que eu... E aí surgiu a parceria com o Grêmio, devido a colocação do Grêmio no campeonato masculino, porque eles estavam, se eu não me engano, em sétimo, oitavo lugar e o *ranking* no futebol

---

<sup>12</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>13</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>14</sup> Carlos Alberto de Souza.

feminino ele foi feito pela colocação... Ele abriu oito vagas para as melhores equipes do futebol masculino, porque eles queriam que equipes né do futebol de camisa...

M.M. - De camisa, a questão mais de clubismo que se chama...

P.G. - Com certeza, em participar do campeonato até para ter mais visibilidade e, como o Inter estava nas últimas colocações que foi o ano que o Inter foi rebaixado, aí surgiu a possibilidade de fazer a parceria com o Grêmio. Eu acabei sendo a treinadora... O investimento, não vou dizer que foi um investimento ruim, foi um investimento bom, só que eu acredito que por falta de tempo, de planejamento foram gastos muitos valores e pouco destinado as atletas em contratações, porque a gente acabou jogando só com meninas daqui. É que na verdade o professor Neco queria dar oportunidade para as meninas que já jogavam o Campeonato Gaúcho de terem uma experiência de jogar uma competição a nível nacional. Só que, porém, o futebol feminino fora daqui está muito evoluído, as equipes, principalmente ali em São Paulo, eles investem muito, elas treinam diariamente, tem as categorias de base, tu tem aquele... Tu só treina e joga, tu só faz aquilo ali da tua vida, às vezes muitas estudam também, mas é completamente diferente do que a gente... Do que foi proporcionado a essas jogadoras aqui do Rio Grande do Sul, que trabalham, que não vivem só do futebol ainda. A gente não treinava todos os dias, a gente treinava três, no máximo quando dava, quatro vezes na semana. Então foi mesmo assim, uma coisa para oportunizar as meninas para elas verem a realidade do futebol mesmo, que muitas vezes a gente fica aqui no Sul achando que aqui é o melhor campeonato, que aqui tem as melhores jogadoras e a gente nem sequer foi jogar um jogo de um nível um pouco mais forte. Então, por um lado, eu vejo assim que foi bom mesmo com um... Que o Grêmio ficou nas últimas colocações, que foi rebaixado para a série A2 do Campeonato Feminino. Eu vejo que a gente fez jogos muito iguais com as outras equipes, foi assim, de detalhe. A gente perdia de 2x1 a um, às vezes saia ganhando, virava 2x1, perdia... Muitos jogos a gente perdeu de 1x0, claro que teve jogos que foi um pouco um placar elástico, mas são com equipes que não, sabe...

M.M. - Sim, são com equipes que muitas vêm contratadas de fora só para jogar.

P.G. - Com certeza, então eu vejo assim, que *bah*<sup>15</sup>, as gurias muito guerreiras, sabe? Só quem estava ali diariamente vendo o esforço delas, viu o quanto essas meninas se dedicaram naquele período e o quanto elas se empenharam. Só que tu via que elas já estavam no limite, então, o que elas precisavam era um pouco mais de treino, não trabalhar e treinar, que a gente quando... Tu está no esporte que trabalha com teu corpo, com tua mente, tu não tem como fazer uma outra atividade, porque tu exigido muito, então não tem como tu fazer duas coisas. Ou tu faz uma bem feita ou... E a gente teve conciliar isso tudo, aí acabando o Campeonato Brasileiro o Grêmio seguiu sozinho, assim...

M.M. - Até aí elas tinham algum tipo de contrato, algum apoio?

P.G. - Não! Nunca teve contrato, sempre foi muito assim de boca, tipo: “Vou te dar tanto, tu vai ficar num hotel...” Tinha uma estrutura muito boa, as meninas de fora, elas ficavam no hotel, tinha alimentação, a gente treinava em uns campos bons, tinha assim uma estrutura...

M.M. - Bolas, materiais?

P.G. - Bolas, matérias esportivos, claro que não tem aquela coisa que tu precisa para jogar uma competição daquele nível, que é treino diário. A gente não tinha treino diário, a gente treinava nos finais de semanas, até para conciliar das meninas de fora virem. Então a gente treinava com um grupo durante a semana e com outro grupo nos finais de semana para juntar com todo mundo. Era bem complicado, mas em termos de estrutura assim, foi feito um investimento grande, só que eu acho que faltou um pouco assim de tu investir um pouco mais na equipe. Não que faltou estrutura, mas de repente nas atletas, mas como eles queriam fazer uma coisa para as meninas daqui, ficou dentro do que eles imaginavam. Aí acabando isso o Grêmio assumiu e quis continuar com alguns da comissão técnica. Eu permaneci, recebi o convite para continuar, jogamos o Campeonato Gaúcho, também a estrutura continuou, claro, menos investimento do que foi feito no Campeonato Brasileiro. Até porque o Campeonato Brasileiro te dá um recurso também, a gente tinha os patrocinadores, mas a CBF também destina uma quantia: passagens aéreas, hotéis, jogos em casa dez mil reais para te bancar toda a estrutura, jogos fora cinco mil reais, então tu

---

<sup>15</sup> Expressão regional do Sul do Brasil

tem essa comodidade de ter esse valor e de buscar algumas coisas fora. Mas daí acabou o Campeonato Brasileiro, o Grêmio continuou para a disputa do campeonato, mas como o Campeonato Gaúcho ainda é um nível muito inferior eles acharam que não precisava fazer tanto investimento. Permaneceram com algumas atletas, alugaram uma casa, aí não ficavam mais no hotel, ficavam numa casa oito meninas e também davam alimentação, transporte e tudo.

M.M. - Mas sem contrato?

P.G. - Sem contrato, era tudo... Elas até assinavam um termo, mas nunca com contrato. Até porque o futebol feminino nunca se sabe aonde que tu vai colocar, se é profissional, se vai ser não profissional, amador ou se tu vai fazer um contrato de imagem. Na verdade, sempre eles estavam muito indecisos com todo... Principalmente o pessoal do departamento jurídico, aonde encaixar, porque para eles é tudo muito novo. Não que eles não quisessem, eles ficaram meio perdidos e aí o tempo foi passando e a gente foi daquele jeito, porque começou competição daí tu não pode mais parar e no final da competição ali acabou que eu acabei optando por vir para o Inter, por achar que a estrutura aqui está sendo muito... Tem muito mais investimento do que o Grêmio está fazendo para esse ano, apesar que o Inter ainda tem que disputar uma seletiva, um jogo de ida e volta. Não tem a vaga garantida, o Grêmio já tem a vaga garantida, um dos motivos por eu não ter permanecido foi por falta de informações, falta de saber como seria, a forma que seria investido, até porque querendo ou não tu é... Tu está comandando a parte técnica, é o teu nome que está ali, aí tu não vai fazer uma equipe competitiva é o teu nome que vai estar em jogo de novo, então, eu sou uma pessoa que eu não gosto de perder, eu gosto de estar sempre...

M.M. - Eu acho que realmente é muito do que você falou, de falta de não saberem como dialogar, porque o Yura<sup>16</sup> ele deu uma entrevista faz poucos dias, dizendo que equipe estava de férias e que o Romildo<sup>17</sup> iria ver como iria fazer. Então, hoje o Inter já voltou as atividades, já fez toda a avaliação, já fez a reapresentação, já selecionou novas meninas que deu mais de quatrocentos... Parabéns para vocês! E o Grêmio ainda está de férias...

---

<sup>16</sup> Júlio Titow.

<sup>17</sup> Romildo Bolzan Júnior.

P.G. - Sim. É, eu vejo que o Grêmio ainda, por ser... O Inter por ter a Duda, uma pessoa que já vivenciou o futebol, há trinta e poucos anos ela está no meio do futebol. Ela consegue visualizar algumas coisas que daqui a pouco o Yura não sabe, são pessoas que ainda estão iniciando na modalidade. Então de repente isso daí tenha atrapalhado um pouco, mas eu vejo que o pensamento do Grêmio ainda está mais no futebol masculino. Acabaram de ganhar um título da Libertadores<sup>18</sup>, foram para o Mundial<sup>19</sup>. Por exemplo, o Presidente nem tinha voltado, só que nós do futebol feminino, a gente queria algumas informações... Aí nessa coisa, de repente para eles estão no tempo deles certo, a competição vai começar só em abril, tem um pouco mais de tempo para eles, Só que essa indefinição, essa coisa, principalmente para mim que tenho contato direto com as atletas, de fazer contratações, de tu ter que... Para tu ganhar a boa jogadora tu tem que estar oferecendo uma coisa boa para ela, um período mais longo e não só de quatro, cinco meses... Que nem, na verdade, eles estavam fazendo... Então, por esses motivos todos, eu visualizei no Inter aquilo que eu imaginava, que eu imagino para o futebol feminino. É claro que está iniciando também, eu sei que tem muita coisa para melhorar, mas já assim de cara, já bateu com tudo que eu sempre quis assim para a minha equipe, sabe?

M.M. - E a sua comissão técnica, tanto do Brasileiro quanto do Estadual, foi tranquilo trabalhar com eles? Tinha algum, digamos, desencontro por você ser mulher ou foi uma parceria tranquila?

P.G. - Olha, assim, eu me surpreendi muito, até porque, quando eu fui... Quando eu fiz parte da Seleção Gaúcha, eu não conhecia ninguém, eles me convidaram e fizeram a parceria com o Grêmio. Então o Grêmio disponibilizou, eram quatro pessoas para trabalhar... Na Associação Gaúcha, como eu tinha recém chegado, eu também não conhecia ninguém. Então tinha um pessoal que foi me apresentado, eu tinha um auxiliar técnico, tinha um preparador físico, o preparador físico Vainon<sup>20</sup> que acabou trabalhando junto no Grêmio. O auxiliar técnico, mas agora não me recordo o nome porque ele acabou não trabalhando, a gente se conheceu, conversamos, estava entrando, começando a fazer a parte do trabalho e daí entrou o pessoal do Grêmio com o Bage<sup>21</sup> que no futebol masculino

---

<sup>18</sup> Copa Libertadores da América.

<sup>19</sup> Copa do Mundo de Clubes ou Campeonato do Mundo de Clubes.

<sup>20</sup> Vainon Rodrigues.

<sup>21</sup> Nome sujeito a confirmação.

é um dos treinadores mais renomados; o Mauro Cruz que é um preparador físico que trabalhou com o Luís Felipe Scolari e também, *bah*, uma pessoa assim... Então foram pessoas que eu não conhecia, que eu aprendi a conviver naquele período ali do Campeonato Brasileiro e que foram super acessíveis, super gente boa, sabe. Nunca tive problema nenhum, mesmo por comandar a equipe, nunca tive problemas, até aprendi muito com eles porque com pessoas desse nível assim que a gente conversa no meio do futebol. Eu acho que eu aprendi muito com eles e eles também aprenderam essa parte do futebol feminino, que até então eles vivenciaram muito só o futebol masculino. O Bagé já tinha treinado equipes de futebol feminino, mas é bem no início da carreira dele, aí agora ele só tinha trabalhado nos últimos anos só com homens, só com equipes profissionais e daí ele retornou, mas foi muito legal assim, eu não tenho... Não tive nenhum preconceito, foi assim bem aceita por eles e também foi recíproco da minha parte. Eu acho que pelo pouco período, por não conhecer as pessoas, eu acho que a gente se encaixou muito bem e são pessoas que eu vou levar para o resto da vida, com certeza, converso com eles sempre.

M.M. - E você sentiu algum tipo de pressão por ser o Grêmio? Uma pressão diferente de outros times que você atuou ou um preconceito da torcida, algo do tipo?

P.G. - Com certeza. Assim como o Grêmio no Inter da mesma forma, a gente está representando os melhores clubes do Rio Grande do Sul, país, do Brasil. A gente está falando em clubes que no futebol são referências, então, tem sempre, tem toda uma torcida, tem todo um... Claro que a gente já sabia, eu já sabia disso, que ia ter: quando ganha está super bom, quando perde não é tão bom. A gente tem que saber também lidar com as críticas também quando não ganha, isso aí faz parte de qualquer treinador. Quando ganha está servindo, quando não ganha já começa as dúvidas: “Mas será?” “Mas é mulher, será que...” Eu acredito que tudo faz parte, no momento que tu está ali tudo faz parte desse meio do futebol, então, a gente tem que saber lidar com isso e, claro, cada ano que passa tu vai adquirindo mais experiência, amadurecendo e sabendo lidar um pouco melhor com tudo.

M.M. - E qual a tua visão das mídias com essa nova fase do futebol? A mídia hoje, você acha que o papel dela está muito mais forte do que naquele período? Tem feito uma diferença?

P.G. - Com certeza, mas eu ainda vejo que é muito por competição. Por exemplo, o Campeonato Brasileiro que a gente disputou que era a elite do futebol brasileiro, *nossa*, teve uma cobertura enorme. Não sei se por ser da CBF, por ter toda aquela mídia por trás, então todo mundo sabia que a gente estava jogando, tu era entrevistada por várias rádios, muitas pessoas atrás para tu dar declarações, para tu dar entrevistas, para fotografar as meninas, elas estavam sempre em evidência. Depois já no Campeonato Gaúcho a gente já viu que era outra coisa, assim pouco divulgado, não tem toda aquela visibilidade, até porque a competição... Só nos canais ali da própria competição que uma vez que outra sai uma notinha, até acho que esse ano a RBS<sup>22</sup> também teve uma cobertura maior, teve algumas rádios que também ajudaram assim nessa divulgação.

M.M. - O próprio Grêmio foi muito fraco, assim de investir nisso. Eu pesquiso e encontro muito mais do Inter no sentido tanto das próprias Guriás Coloradas quanto da página. O Grêmio eu vi, eu encontro, tem, mas sempre com nota de algo bem específico.

P.G. - Sim, é que lá no Grêmio por ainda não se saber onde está encaixado o futebol feminino... A gente era apoiado, tinha a assessoria de imprensa oficial do clube, não tinha uma pessoa específica que trabalhava só para o feminino. Não podia, como era Grêmio, então a marca Grêmio, independente se é futebol feminino ou se é tênis ou se é vôlei, só poderia sair nos canais oficiais. Então a gente até brincava, a gente vê as coisas do Inter sair no *Facebook*, que é um meio de comunicação que está todo mundo ali vendo e a gente... “Mas é que só pode nos canais oficiais”. Era Twitter, era o Instagram e o site oficial do clube, então, as milhões de notícias que tem da equipe profissional, uma vez que outra saia alguma coisa do futebol feminino. Claro que já o Inter é diferente, já tem assessora que trabalha diariamente com as meninas, está sempre ali todo o dia acompanhando, não que lá no Grêmio eles não acompanhassem, eles faziam uma cobertura bem boa, só que, é claro, os espaços eram um pouco menores por ser só nos canais oficiais. Isso aí dificultou...

M.M. - Só mais duas perguntas. Você tem percebido algum incentivo por parte da Federação Gaúcha de Futebol?

P.G. - Eu não sei como é que vai ser agora em 2018, mas eu acredito que até o campeonato vai ter que ter, o Campeonato Gaúcho eu falo, vai ter que ter alguma reformulação. Eu acredito até que a Federação Gaúcha deva assumir o futebol feminino também, até por ter uma Federação representando as equipes aqui do Rio Grande do Sul, porque querendo ou não é Grêmio, é Inter, são grandes clubes e fica difícil só de uma entidade como uma Associação<sup>23</sup> ficar. Uma associação não consegue bancar, não consegue ter a estrutura que de repente essas equipes precisam para uma competição.

M.M. - E você participou como você disse, conquistou 2014, 2015 com a Duda, 2016. Você viu uma diferença na própria organização do evento por ter os dois times de camisa ou foi...

P.G. - Com certeza. A visibilidade da competição muda, até porque a imprensa, todo mundo quer saber como que está indo. A torcida dos dois clubes quer acompanhar, quer poder saber notícias, entendeu? E, claro, para os clubes do interior eu acredito que também seja muito bom, porque mesmo que tenham estruturas diferenciadas de equipes do interior, tu jogar contra um Inter em uma cidade do interior é um evento na cidade. Eu acredito que foi muito bom sim e que a gente espera que melhore, que cada ano que passa as condições vão melhorando e que mais equipes surjam dentro desse cenário do futebol feminino.

M.M. - A última: Agente pontuou na sua outra entrevista muitos pontos assim, quanto as dificuldades mesmo salariais, a permanência nos clubes, enfim, preconceitos. E hoje em dia, já com essa mudança, mesmo que ainda crescendo, quais os principais obstáculos que você vê dessas meninas conseguirem estar participando do futebol?

P.G. - O primeiro obstáculo que eu vejo era ter uma competição, um calendário, tu ter jogos que tu possa ter uma equipe que tu vá ter competições o ano todo, para tu poder manter uma atleta de janeiro a dezembro. Isso é a principal coisa! Muitos clubes, até a gente vê mesmo no futebol masculino que equipes que só tem o Campeonato Gaúcho, por exemplo, equipes do futebol masculino, chega ali no final da competição libera os seus

---

<sup>22</sup> Grupo RBS.

<sup>23</sup> Associação Gaúcha de Futebol Feminino.

jogadores porque... E fecha o departamento de futebol profissional, porque não tem como tu manter um jogador sem tu ter a competição. Então já tem essa dificuldade no futebol masculino tu imagina no futebol feminino. A primeira coisa que eu acho é ter a competição, ter uma competição pela a CBF, ter a Libertadores, que é a CONMEBOL que agora... Partiu da FIFA e depois da CONMEBOL<sup>24</sup>, dessa obrigatoriedade dos clubes em ter para poder disputar no masculino, o futebol feminino. Depois a própria CBF e as Federações, eu acho que é o primeiro passo. Tendo isso tu consegue dar uma estrutura melhor para as atletas e aí inicia o que o Inter está fazendo esse ano, tu poder ter contratações de tudo quanto é lugar do Estado e fora dele, dando condições assim... Eu que já vivenciei o futebol e tenho muitas amizades dentro dele, a estrutura que o Inter está proporcionando para as atletas hoje é muito boa, é para ser uma das melhores do Brasil e é isso que a gente espera. Que a gente possa cada vez mais estruturar, dar estrutura para essas meninas para elas poder fazer o que elas gostam, o que elas sabem fazer, que é jogar a modalidade e tu poder dentro disso tornando cada vez mais profissional e com salários adequados. É claro que a gente não quer uma equiparação com o futebol masculino, longe disso, até porque os valores do futebol masculino hoje... Dessa elite do futebol feminino, são as equipes da série A no campeonato masculino, alguns da série B, mas a maioria dos jogadores de futebol ganham muitas vezes menos que umas meninas porque a gente fala assim: “O futebol...” Mas a gente não pode generalizar porque os valores que eles usam, que eles usufruem hoje, que eles ganham dentro de um clube é fora da realidade, vamos dizer assim, são milhões por mês. Então é claro que a gente quer sim uma estrutura com que elas possam só fazer isso e viver bem, não ter dificuldade, poder comprar uma casa para a mãe, ajudar, porque a maioria dessas meninas ainda são de famílias humildes, muitas precisam ajudar em casa e é isso, a gente precisa cada dia melhorar um pouquinho para um dia quem sabe chegar num patamar assim que a jogadora vá: “Eu sou jogadora de futebol e vivo só dele” e poder ser reconhecida por isso.

M.M. - Muito obrigada Patrícia, de coração e te desejo toda a torcida do mundo.

P.G. - Tranquilo. O que precisar, é só me chamar.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>24</sup> Confederação Sul-Americana de Futebol.